

MEIOS DE COMUNICAÇÃO COM REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA

Suely Duék
Psicanalista.
Membro efetivo do Círculo Psicanalítico
do Rio de Janeiro, Brasil.
suely.duek@gmail.com

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Duék S. (2019) MEIOS DE COMUNICAÇÃO
COM REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA

Intercambio Psicoanalítico 8 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

MEIOS DE COMUNICAÇÃO COM REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA

No século XXI

Suely Duék¹
Círculo Psicanalítico do
Rio de Janeiro
CPRJ

¹ Psicanalista. Membro efetivo
do Círculo Psicanalítico do Rio de
Janeiro, Brasil. suely.duek@gmail.
com

RESUMO

O recente deslocamento de refugiados latinos na América Latina me fez pensar no que a psicanálise tem a dizer e também no que faz o psicanalista quando se volta para o mundo exterior, dedicando-se ao que Freud denominou de psicanálise aplicada. Este é um desafio à psicanálise e dentre os psicanalistas latinos. Renato Mezan no livro “Interlocações” lembra que o “analista não é apenas um profissional da terapia: é também um cidadão envolvido na trama de seu tempo. Mezan nos fala da importância da lente do psicanalista no “socius”, e prefere chamar de “psicanálise implicada”. O trabalho objetiva analisar como nos países da América Latina os psicanalistas têm tratado a problemática dos refugiados e seus reflexos desde o pós-guerra até os dias atuais, e o que mais pode ser feito já que estamos diante de uma população que sofre um deslocamento forçado. Reconhecemos três possibilidades de implementação de soluções tais como a repatriação voluntária, a integração local e o reassentamento. O desafio para a psicanálise está na segunda solução que envolve o acolhimento e a integração. Através da fundamentação de pensadores da psicanálise e de outros saberes desejamos pautar que a psicanálise tem o que dizer e o que fazer diante do homem pós-moderno.

Palavras-chave: Refugiados; Pertencimento, Trauma; Exclusão; Identificações; Falta; Desenraizamento; Intolerância; Violência; Ódio; Cuidar; Acolhimento; Ambiente Facilitador; Integração.

Prólogo:

A palavra que Freud usa do alemão para expressar desamparo (Hilflosigkeit) é um substantivo que designa a condição de alguém que se encontra sem ajuda, desamparado, indica também a falta. Freud usa ambas as terminologias: “sentimento de desamparo” e “situações de desamparo”.

1 INTRODUÇÃO

Boas histórias também acontecem...

Era uma vez, uma história que começou em 1923 e permanece até hoje: Uma moça de nome Sabina, vinda da terra de Freud, durante a guerra, escolheu a América Latina, Rio de Janeiro. Tornou-se passageira numa loja de tecidos de tropical inglês cujo dono era um imigrante egípcio, pessoa que mais tarde veio a ser sogro de sua filha. À noite ela caminhava até o cais do porto para esperar os navios que traziam mulheres que chegavam enganadas na certeza de promessas de empregos, que na verdade eram casas de prostituição. Sabina cuidava de todas elas até que conseguissem emprego e moradia em casas de famílias conhecidas. Por ser poliglota redigiu os estatutos para a fundação do Lar das Damas, espaço de acolhimento aos que necessitam ajuda, tornando-se a primeira presidente da instituição, onde a base ideológica é a Justiça Social.

2 A CLÍNICA PSICANALÍTICA DO TRAUMÁTICO NA IMIGRAÇÃO FORÇADA

Diante da resistência ao atual movimento migratório na América Latina este trabalho representa uma inquietação quanto ao papel do psicanalista e sua capacitação para este desafio. Os países sul-americanos foram surpreendidos com onda migratória inédita. Nem todos estão abertos à recepção, o êxodo Venezuelano segundo a ONU é de três milhões de pessoas. O perfil social dos refugiados mudou, são pessoas em situação precária, constituem sua própria rede de solidariedade em cenário de ausência governamental. Quando nos referimos aos meios de comunicação propostos ao acolhimento dos refugiados da globalização, visualizamos a violência que os levou aos deslocamentos e as políticas de absorção, inclusive com suas formas veladas de rejeição.

Mia Couto (2009), escritor humanista, no livro "E se Obama fosse Africano?" Relata a respeito do medo:

Existem muros que separam nações, mas não separam os que tem medo dos que não tem medo, portanto não nos basta provar a barbárie dos outros e deixarmos de nos fazer perguntas.... Nesse momento de caos e perda, o importante não é tanto a língua, nem sequer o quanto ela nos é materna. Mais importante é essa outra língua que falamos mesmo antes de nascermos. Nesse registro está a porta e o passaporte em que todos nós nos fazemos humanos. (Couto, 2009, p.139).

A clínica psicanalítica do sofrimento na imigração forçada apresenta impasses e vicissitudes na direção do manejo psicanalítico e no seu campo epistemológico, teórico-clínico de articulação entre outros saberes. Portanto a boa atuação do analista exige um profundo conhecimento da técnica e da metapsicologia são essenciais a sua análise e a supervisão; ele deve ter um olhar singular, respeito aos costumes e crenças do paciente, mas também respeito aos seus próprios valores. A relação transferencial necessita de criatividade e cuidado, o analista é parte do psiquismo na relação com o analisando cujas fronteiras são vulneráveis e inexatas.

A partir de Winnicott o analista se implica no processo da transicionalidade onde o olhar para a contratransferência é fundamental de tal forma que haja um equilíbrio possível para o psiquismo de ambos, analista e analisando. A consciência do desejo de se manter analista de uma população com características específicas deve estar sempre significada na contratransferência.

No livro *Intervenções*, Renato Mezan (2011) cita a obra de Freud e seus seguidores onde figura quantidade expressiva de trabalhos dedicados à Psicanálise Aplicada, a fenômenos e Instituições sociais, obras artísticas e literárias e ao que possa expressar a dimensão do humano; entretanto o autor prefere o termo psicanálise implicada e justifica alegando que o analista é um cidadão envolvido na trama de seu tempo.

Mezan (2017) no capítulo sobre os limites da tolerância, no livro: *A Sociedade, Cultura, Psicanálise*, conta a História de Nasrah, imigrante mulçumana, vivendo na Holanda: destaca pontos como os limites do processo de integração ao seu novo ambiente e o papel de absorção do estado. Quanto às questões psicológicas, ressalta que dizem respeito à manutenção da identidade pessoal e ao trabalho psíquico imposto na adaptação à sociedade hospedeira e que esta necessita saber preservar as tradições do refugiado-imigrante. O cenário que se apresenta é responsável pela constituição e destituição do lugar de sujeito.

Hanni Biran (2008), psicanalista Israelense trabalha com grandes grupos, sonhos e o inconsciente social, destaca a importância da aplicação do conceito de pertencimento semeado numa cultura de população diversificada. Em 2013 no Instituto de Psicanálise Contemporânea e Grupanálise de Tel Aviv houve uma conferência organizada pelo centro judeu-árabe da Universidade de Haifa onde ela apresentou o trabalho intitulado *Posse e Pertencimento*; foram levantados aspectos no sentido de se fazer compreender o mecanismo humano do medo de perder o lugar e a identidade do self na posse do lugar.

O trabalho extramuros com grandes grupos em áreas de conflito é um procedimento necessário para elaboração do trauma coletivo, existe o risco de explosões de violência na cultura que se expressam através de comportamentos discriminatórios.

Estamos contemplando um cenário de restrições e exclusão da população de Latinos em seu próprio continente onde sofrem impactos traumáticos que originam o perigo do processo transgeracional.

O termo desenraizado aplica-se àquele que está à deriva até que consiga adaptar-se a nova terra. No enquadre emocional a experiência do refúgio é desestabilizadora no que concerne às identificações que se enraízam desde os primórdios da vida psíquica. Variável importante também é o fator intolerância, já que a tolerância com o diferente não consegue ser absoluta. O narcisismo do refugiado é submetido a desafios, e o medo de perder a dignidade se superpõe ao medo de perder a identidade.

Sobre os limites da tolerância lembramos Freud capítulo V de *O Mal Estar Na Civilização* onde ele diz: "O próximo não é apenas um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, subtrair-lhe seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dor para torturá-lo, matá-lo". (Freud, 2010, p.57-140).

No livro *Cadernos Sobre o Mal*, Joel Birman, questiona: O que mais o discurso Freudiano pode nos dizer a este respeito? (Birman, 2006, p.59) e cita Freud

Ao pensar a economia pós guerra no texto *Considerações Atuais sobre a Guerra*: “Seria muito difícil que as classes privilegiadas abrissem mão facilmente da propriedade privada em prol da redistribuição da riqueza. Para a manutenção da vida cada qual acredita que possa saquear e violentar o outro em nome de sua expansão narcísica”. (Freud, 1915, p. 273-303).

Na revista *Calibán* edição de 2017 sobre o Mal, encontramos os seguintes posicionamentos: Luis Campalans no artigo *Anotações sobre Psicanálise e Humanismo* lembra que este foi um movimento filosófico que surgiu no Renascimento, e que na modernidade consiste na exaltação de ideias e valores éticos relativos ao indivíduo, os chamados direitos humanos, tolerância racial e religiosa, e ele acrescenta: “Entretanto é possível falar de um humanismo inumano responsável por grandes tragédias históricas e atuais”. (Campalans, 2017, p.38). Marcelo Viñar no artigo *Terror Político e Exílio – Desexílio e suas marcas subjetivas*, explica a origem deste debate em termos atuais, diz ele: “... talvez a colagem de sempre na história das chamadas civilizações, usamos termos sinônimos para despojar nossos semelhantes da sua dignidade de humanos e criar o inframundo dos excluídos, cuja figura extrema foi imortalizada pelo Primo Levi.” (Viñar, 2018, p.14).

3 A IMPORTÂNCIA DO CUIDAR DE SI E DO CUIDAR DO OUTRO NA PSICANÁLISE

Criam-se as categorias dos refugiados, sobreviventes e apátridas, campo fértil para o aparecimento de preconceitos e desprezo a grupos minoritários; este é o momento em que o analista identifica a origem dos comportamentos patológicos e os contornos do medo e do ódio, responsáveis pelas barbáries e crueldades.

A Globalização, o neoliberalismo, o “Divino Mercado” de acordo com Dany-Robert Dufour (2007), na falta com o cuidar do outro e o ódio da falta fundamental que constitui o sujeito, recriam-se obstáculos intransponíveis para a conscientização do vínculo entre a falta e o ódio.

Como diz Vladimir Safatle (2010), no livro *Fetichismo - colonizar o outro*, “...é preciso considerar que muitas vezes a manutenção de ideias opostas representa uma estratégia de sobrevivência onde a fronteira entre o normal e o patológico se esfumaça”. (Safatle, 2010, p.7). Ao negar o outro, com ausência da alteridade, o sujeito do ódio projeta a fantasia na realidade, posição que pertence possivelmente à fase do narcisismo e cria formas de funcionamento que correspondem às chamadas novas patologias sociais.

Para alguns pensadores da psicanálise e da filosofia o inconsciente do sujeito fundado na perda e na falta, não é mais o do recalçamento de Freud, mas relaciona-se com o não reconhecimento da diferença do outro.

As ferramentas utilizadas pelo sujeito contemporâneo na sociedade atual, muitas vezes através da disseminação do ódio, do mal e de outras vertentes como o uso inadequado da tecnologia, podem levar à desumanização da cultura.

A falta da liberdade real encoberta pela ilusão de autonomia do indivíduo, através da credibilidade em falsas verdades, funciona como um motor que não pode parar de se defrontar com o vazio e que continua sempre a não alcançar a completude do desejo, gerando a violência.

A integração local representa um recurso de direitos humanos, como solução do desafio que a psicanálise enfrenta diante da exclusão dos que chegam a uma nova terra.

4 CONCLUSÃO

A cegueira na alteridade gera traumas desestruturantes e condutas antissociais, reitera a importância da teoria do amadurecimento de Winnicott onde o indivíduo e o ambiente facilitador são interdependentes na saúde. O refugiado-imigrante enquanto excluído vive a deprivação sentindo-se um estrangeiro e ele reage à falta no seu desejo de pertencer.

Bibliografia

Birman, J. (2009). Cadernos sobre o mal-estar na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

_____. (2006). Arquivos do mal-estar e resistência. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Campalans, L. (2017). Anotações sobre psicanálise e humanismo. Revista Calibán, 15(2), p.38.

Duék, S. (2018). Bibliografia particular. [s.l.]: [s.n.].

Fedri, C. B. (2018, junho). Cidadania e participação algumas contribuições para a teoria do amadurecimento para o atendimento às vítimas de violência. Revista Rabisco 8 (1), p.181-192.

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. São Paulo: Companhia das letras. 496p.

Mezan, R. (2011). Intervenções. São Paulo: Casa do Psicólogo. 323p.

_____. (2017). Sociedade, cultura e psicanálise. São Paulo: Blucher; Karnac. 560p.

Oz, A. (2009). Mais de uma luz. São Paulo: Companhia das letras. 136p.

Safatle, V. (2018). Patologias do social. São Paulo: Autêntica. 352p.

_____. (2010). Fetichismo colonizar o outro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 152p.

Viñar, M. (2018). Terror político e exílio - desexílio. Revista Calibán, 15(2). p.14.

Winnicott, D. (1965). O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed. 268p.